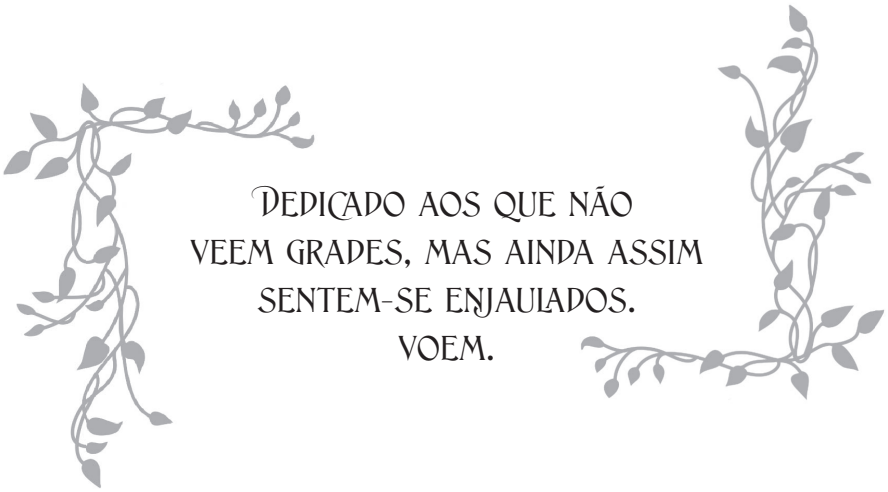
glint

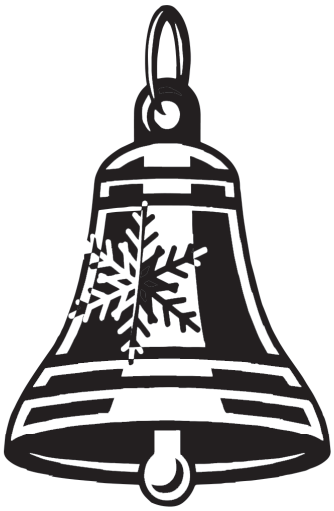
série a prisioneira dourada

raven kennedy

Tradução de Rui Azeredo

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina


Dedicado aos que não
veem grades, mas ainda assim
sentem-se enjaulados.
Voem.



CAPÍTULO 1

RAINHA MALINA

Ouro, até onde a vista alcança.

Todos os milímetros do Castelo de Sino Alto exibem o revelador brilho. Na década passada, as pessoas viajavam de terras distantes de toda a Orea simplesmente para o observar. Era descrito pela sua magnificência, com o povo sempre impressionado com o seu esplendor arrebatador.

Mas eu recordo como era antes. Recordo a ardósia dos parapeitos e as portas de ferro do portão. Recordo quando tinha vestidos de todas as cores e os pratos nas mesas eram brancos para combinar com o cabelo dos Colier. Recordo quando o sino da torre era de cobre e o seu repique ligeiro e nítido.

Coisas que em tempos eram leves como penas, agora necessitavam de ser carregadas por vários homens. Partes que em tempos ostentavam as cores de eras e história reluziam agora como novas. Até as rosas do átrio receberam o toque dourado, nunca mais brotando um rebento ou polvilhando o ar com o seu perfume.

Cresci no Castelo de Sino Alto. Conhecia todas as pedras ásperas e

escadarias manchadas. Conhecia os veios de madeira escuros nos caixilhos das janelas. Ainda recordo a forma do trono do meu pai, numa mescla de pedra e diamantes talhados nas montanhas a leste.

Por vezes acordo a meio da noite, aprisionada nos meus lençóis dourados emaranhados, e não sei dizer onde estou. Não reconheço este lugar de todo, já não dá.

Na maioria dos dias, nem a mim própria reconheço.

Os dignitários de visita regozijam com o brilho e o *glamour*. Ficam boquiabertos com a precisão das alterações de todas as superfícies e celebram o poder de Midas.

Mas sinto saudades do antigo aspeto de Sino Alto.

Todos os recantos cinzentos, todas as cadeiras toscas, até das feias tapeçarias azuis que estavam penduradas no meu antigo quarto. É surpreendente as coisas de que sentimos falta assim que nos são tiradas.

Quando concordei casar, sabia que ia lamentar a perda de controlo sobre o Sexto Reino. Sabia que iria chorar o meu pai quando ele morresse. Sabia até que sentiria a falta de que me tratassem pelo meu antigo nome e título. Princesa Malina Colier.

Mas nunca previ que sentiria a falta do próprio palácio. Não era algo que pudesse ter previsto. No entanto, divisão a divisão, peça a peça, tudo se alterou diante dos meus olhos, desde as almofadas aos cálices de vinho.

De início foi excitante, isso não posso negar. Um castelo de ouro nas montanhas geladas era algo saído de um conto de fadas e eu tinha um rei para fazer de mim rainha. Tinha um casamento que garantiria que podia ficar aqui, na minha casa, para dar seguimento à minha linhagem real.

Mas aqui estou, na sala de estar real, há muito despida da minha ingenuidade. Não tenho herdeiros, nem família, nem magia, nem camaradagem com o meu marido, e nem sequer reconheço o lugar onde cresci.

Estou rodeada por riqueza sem qualquer significado para mim.

Este castelo, este lugar onde a minha mãe me deu à luz, onde o meu pai e o meu avô governaram, onde residem todas as minhas reminiscências mais estimadas, tornou-se num lugar estranho. Não há aqui conforto, entusiasmo, e não é por certo um conto de fadas.

As pessoas ficam deslumbradas, enquanto os meus olhos veem todos os riscos nas superfícies douradas do chão e das paredes. Reparo em todos os milímetros onde o metal macio se desgastou, distorcendo as formas. Deteto os cantos que os criados não poliram, reparo em cada fragmento embaçado.

O dourado pode brilhar, mas não passa no teste do tempo. Desgasta-se, perde o esplendor, torna-se em nada mais do que uma superfície carente e maleável, sem durabilidade.

Odeio-o. Tal como comecei a odiá-lo a *ele*.

O meu famoso marido. As pessoas prostram-se diante dele em vez de à minha frente. Posso não ter magia, mas o despeito é uma força poderosa.

O Tyndall irá lamentar. Por cada vez que me pôs de lado, por sempre me subestimar, por me ter tomado o reino.

Hei de fazer com que pague por isso — mas não com ouro.

— Quer que cante para si, Vossa Majestade?

O meu olhar incide no cortesão sentado diante de mim. É jovem, provavelmente por volta dos vinte anos, de olhos belos e bom ouvido, características que todos os meus cortesãos partilham.

Também os odeio.

Zumbem como pragas, consumindo belos pratos de comida, ocupando o ambiente com as suas conversas sem sentido. Por muito que tente enxotá-los, voltam sempre a enxamear em meu redor.

— Tu *queres* cantar? — riposto, embora sinceramente seja irrelevante porque…

O sorriso dele abre-se ainda mais.

— Quero fazer o que agradar à minha rainha.

Uma resposta falsa de um companheiro falso.

É o que são todos estes cortesãos. Fingidores. Mexeriqueiros. Enviados para junto de mim para me distrair e entreter. Como se eu não passasse de uma mulher tonta e pateta, a necessitar de entretenimento básico a todas as horas do dia.

Mas o Tyndall partiu — pôs-se a andar para o Quinto Reino, onde o povo sem dúvida se ajoelhará aos pés do Rei Dourado. Midas vai apreciar imenso, e por mim tudo bem.

Pois enquanto ele lá está, eu estou *aqui*. Pela primeira vez, encontro-me em Sino Alto sem a presença cintilante dele. Parece um sinal do grande Divino. Sem marido a quem me submeter. Sem rei diante do qual me curvar. Sem a marioneta dourada ao lado dele, a ganância incarnada, brilhando sobre a feiura das mentiras.

É a minha oportunidade.

Com o Tyndall longe, distraído a subjugar o Quinto Reino, conto com uma oportunidade e não vou desperdiçá-la.

Posso já não reconhecer as paredes deste castelo, mas não deixa de ser *meu*.

Ainda possuo a mesma ambição que tinha em miúda, antes de se tornar evidente que eu não tinha magia, antes de o meu pai me entregar ao Tyndall, ofuscado pelo brilho do seu ouro.

Mas o ouro não me deslumbra. Já não.

Porque o meu sonho, o meu papel, o meu *dever*, sempre foi governar Sino Alto.

Não era submeter-me a um marido, nem ser posta de parte ou tratada como uma frouxa mimada. Tyndall Midas pôs as suas mãos em tudo, pincelando toda a minha existência.

E eu permiti. O meu pai permitiu. Todo este maldito reino permitiu.

Mas fartei-me.

Estou farta de me sentar numa cadeira almofadada a bordar lenços de mão patetas e a comer bolos enjoativamente doces, enquanto os cortesãos falam do vestido que não sei quem vestiu, apenas por apreciarem ouvir o som das próprias vozes.

Estou farta de ser a rainha calada e fria congelada no seu lugar.

O Tyndall partiu e pela primeira vez desde que me tornei rainha posso efetivamente *ser* a rainha.

E pretendo sê-lo.

Durante toda a minha vida usei coroa, mas finalmente vou dar-lhe uso.

CAPÍTULO 2

AUREN

As rodas de madeira da carroça revolvem-se tanto quanto o meu estômago.

A cada rotação é expelida uma nova recordação para a frente da minha mente, um ciclo sem fim sempre a rodar e a descarregar, como abutres a largar carniça esquecida desde os céus.

A morte agarra-se a mim.

Desejei tanto abandonar a minha gaiola, para poder deambular livremente pelo castelo de Midas. O meu tédio e a solidão eram um bocejo enorme impossível de ignorar, de engolir, de esquecer. A minha boca sempre a abrir-se, a língua estendida, o peito aberto, desejando e esperando que viesse aquele inspirar fundo para os meus pulmões que me libertasse do sufoco das minhas grades.

Mas agora…

Tenho sangue nas mãos, mas sem manchas rubras na pele. Mas sinto-o lá, a cada raspar da ponta dos meus dedos, tal como a verdade está entranhada nas linhas da fortuna nas palmas das minhas mãos.

Culpa minha. A morte do Sail, o sofrimento da Rissa, a ausência do Digby, tudo culpa minha.

Incido o olhar no céu coberto de nuvens, embora não veja realmente a névoa branca e parda. Em vez disso, aquelas lembranças infinitamente em redemoinho não param de tombar das minhas têmporas, pousando atrás dos meus olhos.

Vejo o Digby a cavalgar para longe, o seu vulto em retirada pressionado entre um céu negro e um solo alvo. Vejo chamas rubras a estrepitar das garras das patas do fogo, a poeira da neve a ascender sob os navios piratas como ondas num mar gelado. Vejo a Rissa a chorar, o Capitão Fane impondo-se sobre ela, de cinto na mão.

Mas, essencialmente, vejo o Sail. Vejo o seu coração a ser perfurado pela lâmina do punhal do capitão como um dedo num fuso, o sangue a pingar em fios vermelhos, unidos à poça no solo.

Ainda sinto o grito que escapou de mim quando o seu corpo soçobrou, apanhado pelas minhas mãos e pelos amargos braços da morte.

Sinto a garganta áspera e dorida, desgastada pela noite que parecia não ter fim. Primeiro uivou num sofrimento de choque e depois comprimiu-se, cerceando qualquer esperança de respirar.

A minha garganta entupiu quando os Salteadores Rubros ataram o corpo do Sail ao mastro na frente do barco, troçando maliciosamente do seu nome, suspendendo-o numa embarcação desprovida de velas.

Nunca esquecerei a forma como o seu corpo rígido ficou ali suspenso, os olhos azuis sem pestanejar a serem vergastados pelo vento e pela neve.

Tal como nunca esquecerei o vigor com que usei todas as minhas forças para empurrar o corpo dele borda fora, para que os piratas não continuassem a abusar dele e a desrespeitá-lo.

As minhas fitas doridas latejam com a recordação de cortar as cordas que o sustinham, de arrastar o seu cadáver frio pelas ásperas tábuas de madeira.

Ele foi o primeiro amigo que fiz em dez anos e só o tive por um breve período de tempo, antes de ter de o ver a ser brutalmente assassinado mesmo diante dos meus olhos.

Ele não merecia tal fim. Não merecia um túmulo anónimo no vazio dos Baldios, o seu corpo sepultado num mar de neve.

Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem.

Cerro os olhos com força, com a sua voz a ecoar nos meus ouvidos e a penetrar até ao meu coração. Ele tentou reconfortar-me, animar-me e

dar-me coragem, mas ambos conhecíamos a verdade. Assim que a minha carroça tombou e os Salteadores Rubros nos capturaram, nada iria ficar bem.

Ele sabia, mas ainda assim tentou defender-me, proteger-me, até ao seu último suspiro.

Um soluço doloroso rasga-me a garganta, perfurando a dor como uma corda presa numa cutícula. Os meus olhos dourados ardem quando outro pingo salgado escorre pela minha face queimada pelo vento.

Talvez esteja a ser castigada pelo grande Divino — a entidade que compõe todos os deuses e deusas deste mundo. Talvez o que aconteceu seja um aviso de que eu estava a exceder-me, de que necessito de recordar os terrores do mundo exterior.

Eu estava em segurança. No cume de uma montanha gelada, lá em cima no ponto mais elevado de um castelo dourado, estava a salvo na minha gaiola dourada. Mais fiquei inquieta. Insaciável. Ingrata.

Isto é o que recebi. Isto é culpa minha. Por ter tido aqueles pensamentos desajustados, por querer mais do que já tinha.

Sinto as minhas fitas murchas começarem a estremecer, como se pretendessem erguer-se e roçar na minha face inchada, como se quisessem confortar-me.

Mas eu nada mereço. O Sail nunca mais será confortado pela mãe. A Rissa não será consolada nos braços dos homens que ela é paga para acolher na cama. Midas não desfrutará de conforto com um exército a marchar na direção dele.

No exterior, os soldados do Quarto Reino viajam pela neve, uma força negra a percorrer a paisagem vazia. São um rio de couro negro e cavalos esguios obsidianos, cruzando a terra do frio perpétuo.

Percebo por que razão toda a Orea teme o exército do Rei Ravinger — ou Rei Podre. Esquecendo a magia, estes soldados, mesmo sem armaduras, são uma vista intimidante.

Mas não tanto como o comandante que os lidera.

De tempos a tempos, vislumbro-o no exterior a cavalgar no seu cavalo, a linha de espinhos malévolos ao longo da sua coluna curvando-se como cruéis franzidos de sobrolho. Olhos negros como poços sem fundo, à espera de apanhar quem para eles olhe.

Um *fae*.

Um genuíno *fae* aqui mesmo. Não escondido, mas a liderar um exército em nome de um rei cruel.

A nossa anterior conversa regressa à minha mente, deixando-me as palmas das mãos pegajosas e as mãos a tremer.

Eu sei o que é.

Que engraçado, estava prestes a dizer a mesma coisa sobre ti.

A minha mente vacilou quando ele proferiu aquelas palavras, a boca abrindo-se como um peixe boquiaberto. Ele limitou-se a sorrir com malícia, vendo-se um vislumbre das suas presas malvadas, antes de virar de repente a cabeça para a sua carroça e trancar-me lá.

Mas estou habituada a estar trancada.

Já aqui me encontro há horas. Preocupada, a pensar, a deixar que as lágrimas e a respiração rasa preencham o espaço, permitindo que a minha mente retenha tudo o que aconteceu.

Essencialmente, apenas me permiti reagir quando aqui não estava ninguém para ver.

Sei que mais vale não mostrar fraqueza aos soldados no exterior, em especial ao comandante.

Assim, permito-me sentir agora tudo ao abrigo da privacidade das paredes de madeira, a deixar encrespar as minhas emoções, a permitir que me encham a cabeça os ansiosos «e agora?»

Porque, assim que a carroça parar para passarmos a noite, sei que não posso dar-me ao luxo de mostrar a ninguém esta vulnerabilidade.

Assim, sento-me.

Sento-me e olho pela janela, a mente a redemoinhar, o corpo a doer, as lágrimas a escorrer, enquanto desato os nós das minhas pobres e violadas fitas.

Os fios de ouro acetinados que crescem dos lados da minha coluna parecem quebrados. Doem e ardem nos pontos onde o Capitão Fane os atou num entrançado bruto. Cada toque fá-los retrair e deixa-me a ranger os dentes.

Levo horas a suar e a tremer numa dor excruciante, mas consigo desatar os nós.

— Finalmente — murmuro ao libertar o último.

Rolo os ombros para trás, com a pele ao longo da coluna a picar em cada ponto onde uma tira se une ao corpo, doze de cada lado, desde entre as omoplatas até logo acima da curva do rabo.

Estendo as vinte e quatro fitas o mais que posso neste espaço acanhado, amaciando-as com um toque suave, na esperança de que ajude a aliviar a dor que as percorre.

Parecem enrugadas e frouxas ali, pousadas no chão da carroça e no banco. Até o seu tom dourado está algo embotado face ao habitual lustro, como ouro embaciado a necessitar de ser polido.

Solto um suspiro tremido, os meus dedos doem-me devido à demora em desatar cada nó. Nunca senti tanta dor nas minhas fitas. Estou tão habituada a escondê-las, a mantê-las em segredo, pois nunca as usei como no barco-pirata, e isso é evidente.

Enquanto permito às minhas fitas que repousem, aproveito os últimos raios de luz parda para verificar o resto do meu corpo. Doem-me o ombro e a cabeça, de a carroça ter tombado e de ser arrastada para fora quando os Salteadores Rubros me capturaram.

Tenho também o lábio inferior ligeiramente rasgado, mas mal reparo. As dores mais intensas vêm da minha bochecha, onde o Capitão Fane me atingiu, e do meu flanco, onde me pontapeou nas costelas. Penso que não terei nada partido, mas cada movimento pôs-me a inspirar por entre dentes cerrados.

Uma dor corrosiva no estômago recorda-me que está vazio e irritado, enquanto a boca se apresenta seca de sede. Mas a minha sensação mais marcante é o modo como me sinto tremendamente esgotada.

O cansaço é uma corrente a prender-me os tornozelos, uma algema nos meus pulsos, cobre-me os ombros. A minha força e energia foram-se, como se alguém tivesse puxado uma tampa nas minhas costas e deixasse escoar tudo.

O lado positivo? Pelo menos permaneço viva. Pelo menos escapei aos Salteadores Rubros. Não serei sujeita ao que o Quarter faria comigo assim que soubesse o que tinha acontecido ao seu capitão. O Quarter não é o tipo de homem que se deseja ter como captor.

Apesar de a minha nova *escolta* estar longe de ser a ideal, pelo menos rumo na direção de Midas, mas desconhecendo o que sucederá quando lá chegarmos.

Espreitando pela janela da carruagem, vejo marcas escuras de cascos a pintalgar a neve, com os seus cavaleiros montados com orgulho nas suas selas enquanto marcham.

Agora tenho de ser forte.

Sou a cativa do exército do Quarto e não haverá espaço para fragilidades. Não sei se os ossos do meu corpo são de ouro como o resto de mim, mas pelo meu próprio bem espero que sejam. Espero que a minha coluna seja dourada, pois vou precisar de uma forte espinha dorsal se quiser sobreviver.

Cerrando os olhos, ergo a mão e pressiono as pálpebras com as pontas dos dedos, tentando amenizar a picada. Pois, por muito cansada que me sinta, não durmo. Não relaxo. Não consigo. Não com o inimigo a marchar lá fora e com aquelas recordações terríveis a pairar na minha cabeça.

O Sail ainda ontem de manhã estava vivo? O Digby rugia ordens irritadas aos seus homens? Parece que foi há semanas, meses, anos.

O tempo muda com o tormento. Estica-se, prolongando os segundos, estendendo os minutos. Aprendi que a dor e o medo têm uma forma de se expandir. E, como se isso não fosse já suficientemente cruel, as nossas mentes asseguram que revivemos repetidamente esses momentos muito depois de já terem passado.

O tempo é um verdadeiro filho da mãe.

Sei que deixei para trás naquele barco-pirata uma parte de mim. Já passei por suficientes momentos trágicos para reconhecer a sensação de carne viva que permanece a doer.

Cada batida de coração que suportei na minha vida, cada dor angustiante, arrancou uma parte de mim. Senti cada pedaço que me foi tirado, vi cair cada porção no carreiro do meu passado como migalhas de pão, para ser colhido por maliciosas aves de rapina.

Em Sino Alto havia quem viajasse ao longo de semanas só para me ver. Midas deixava-me ficar ao lado dele no trono enquanto ficavam pasmados.

Mas, apesar de todo o tempo que permaneci ali naquele pedestal para que me olhassem, ninguém realmente me *viu*. Se tivessem visto, saberiam que não passo de uma rapariga com rasgões e buracos fundos dentro de si, com a pele dourada a esconder um coração destroçado.

Ardem-me os olhos, indicando-me que estaria de novo a chorar se me restassem lágrimas, mas penso que também isso se esgotou.

Não faço ideia de onde se encontram as outras selas e guardas nem do que o comandante pretende fazer comigo, mas não sou parva. O Rei Podre enviou grande parte do seu exército para o Quinto Reino para enfrentar Midas e receio pelo meu rei tanto quanto por mim.

Temo quando o derradeiro raio de sol por fim baixar para se enfiar sob o manto do horizonte. O dia terminou oficialmente e com isso obrigo-me a trancar as minhas emoções.

Agora que o entardecer se transforma na promessa de noite, a carruagem estaca bruscamente. Quando se está deste lado do mundo de Orea, a noite cai rápida e brutalmente, pelo que não surpreende que o exército do Quarto comece a montar acampamento.

Sou deixada no interior da carroça, imóvel, enquanto escuto os sons dos soldados. Cavalos de ambos os lados impedem-me de ver muito do lado de fora das janelas, onde sombras se movem agilmente no cumprimento de variadas tarefas.

Após uma meia hora de espera contorço-me, aflita por me aliviar. O meu corpo está prestes a ter um ataque, com a sede e a fome recusando-se a ser ignoradas, o cansaço colando-se aos meus membros como um mar turbulento que pretende arrastar-me para baixo de água.

Só quero dormir. Adormecer e despertar apenas quando tudo deixar de doer — física e emocionalmente.

Ainda não, recordo a mim mesma. Ainda não posso descansar.

Belisco-me no braço, obrigando os meus sentidos a manterem-se alerta, os ouvidos a filtrar os imensos sons do exterior à medida que se extingue a derradeira luz, a pressão da noite a tomar-me como uma manta gelada.

Apoiando a cabeça na parede da carroça, fecho momentaneamente os olhos. Só por um momento, digo a mim mesma. Apenas para aliviar o fogo que arde nos meus olhos inchados, só para ajudar a aliviar as muitas dores.

Apenas por um momento…

Cambaleio, abrindo de repente os olhos ao ouvir uma chave a ser enfiada na fechadura.

A porta da carroça abre de repente para trás, tão depressa como o meu arquejo, e ali está ele, parado ameaçadoramente sob a capa da escuridão, um par de olhos cavernosos a fitar-me.

O Comandante Arranca.

CAPÍTULO 3

AUREN

Sustenho a respiração, observando o comandante sem pestanejar, o meu corpo tenso e alerta. Neste momento vou descobrir o que realmente significa ser sua prisioneira.

A minha mente redemoinha. Possibilidades sem fim perpassam-me consecutivamente os pensamentos enquanto tento preparar-me.

Será que vai agarrar-me pelo cabelo e arrastar-me? Ou vai ameaçar-me, maltratar-me? Irá obrigar-me a despir-me para observar o brilho em cada centímetro da minha pele? Será que me vai passar por todos os seus soldados? Serei forçada a andar acorrentada?

Não permito que os meus pensamentos se evidenciem no meu rosto. Não posso dar qualquer indicação dos «e se» que me martelam o crânio.

Toda a dor, toda a preocupação, enrolo-as como lã velha num novelo, encaixando cada fio solto. Porque se lhe mostrar o meu medo, se revelar a minha fraqueza a este homem, ele agarra todas essas pontas e puxa-as, desenrolando-me por completo.

Afasta a fraqueza e a força crescerá…

Essas palavras antigas e quase esquecidas surgem-me do nada, como se a minha mente as tivesse guardado para mim, pronta para as ir buscar quando eu mais necessitasse.

Recordo de repente como aquilo me foi murmurado ao ouvido, em palavras suaves mas num tom inflexível.

Ecoam em mim e ajudam-me a endireitar os ombros, a inclinar o queixo para cima para enfrentar o comandante.

Ele tem um capacete por baixo do braço e o seu cabelo negro está levemente despenteado devido às muitas horas em que o usou. Observo o seu rosto pálido, a fila curta e romba de minúsculos picos sobre cada sobrancelha escura. A sua aura imponente satura o ar, cobrindo-me a língua como cobertura de açúcar, entupindo cada papila gustativa.

Sabe a poder.

Questiono-me como reagiriam as pessoas se soubessem o que ele verdadeiramente era. Não um homem com magia residual a correr-lhe nas veias vinda dos seus distantes antepassados *fae*. Não alguém cujo corpo foi corrompido e transformado pelo Rei Podre. Não apenas um comandante de exército com uma sede de sangue raivosa, que aprecia arrancar as cabeças dos inimigos.

Não, ele é algo mais mortífero. Mais assustador. Um *fae* puro, escondido à vista de todos.

Se soubessem a verdade, fugiriam com medo? Ou levantar-se-iam contra ele como o fizeram os Oreanos há centenas de anos, matando-o, como aconteceu a todos os outros?

Alguns *fae* deram luta nesses tempos sombrios, mas eram em menor número e nem a sua magia superior bastou. Alguns *fae* simplesmente não quiseram lutar. Não queriam matar pessoas que consideravam suas amigas, amantes, família.

Mas bastou olhar para ele para perceber que o Comandante Arranca lutaria. Lutaria e Orea perderia.

Podem ter decorrido centenas de anos desde que Orea e Annwyn — o reino dos *fae* — foram apartados, mas ainda assim choco-me por ninguém saber, ninguém *ver*, o que ele realmente é, quando para mim é tão flagrantemente evidente.

Com base na intensidade do olhar do Arranca, percebo que não sou a única cuja mente labora enquanto nos avaliamos mutuamente em silêncio, analisando, ponderando.

A curiosidade percorre-me como uma planta desprovida de raízes

soprada pelo vento. Interrogo-me como terá chegado aqui o Comandante Arranca, qual o seu objetivo. Será simplesmente o cão de guarda do Rei Ravinger, preso por uma trela para morder e rosnar aos inimigos? Ou terá um plano próprio?

Ele avalia-me minuciosamente enquanto ali permaneço sentada, encurralada no espaço esconso da carroça, e vejo que toma notas mentais. Tenho de me esforçar ao máximo para não me remexer nem encolher sob o seu olhar.

O exame dele deteta a minha bochecha inchada e o lábio rachado, antes de baixar para as minhas fitas amarrotadas espalhadas ao meu redor. Não me agrada o interesse dele nelas. Sempre que as mira tento escondê-las. Se não estivessem tão doridas, tê-las-ia envolvido em redor do meu tronco para as manter longe da vista.

Quando por fim termina a avaliação, ergue os seus olhos negros para fitar os meus. Fico tensa, à espera de que ele me ice, ruja ordens ou lance ameaças, mas simplesmente continua a olhar para mim, como se esperasse por algo.

Se pretende que eu soçobre, chore ou implore, pode esquecer. Não me curvarei sob a pressão do seu escrutínio, nem me estilhaçarei sob o seu penetrante silêncio. Permanecerei aqui quieta durante todo o raio da noite, se for preciso.

Infelizmente, o meu estômago não parece ter a mesma determinação férrea porque nesse preciso momento larga um ronco odiosamente alto.

O comandante estreita os olhos face ao ruído, como se fosse uma ofensa pessoal.

— Tens fome.

Se não me sentisse tão aterrorizada, reviraria os olhos.

— É claro que tenho fome. Passei o dia nesta carroça e os Salteadores Rubros não nos serviram propriamente uma refeição abundante depois de nos capturarem.

Se o desrespeito no meu tom o surpreende, não o demonstra.

— O Pintassilgo gosta de bicar — murmura, com o seu olhar a incidir sobre as penas da manga do meu casaco.

Irrito-me com a alcunha, retesando o maxilar.

Há algo nele. Ou talvez seja algo em *mim*, depois do inferno por que passei. Seja qual for a razão, seja pelas circunstâncias ou por um choque de personalidades, as minhas emoções começam a ser dominadas pela ira. Tento conter a reação como uma mola numa armadilha para ratos, mas não quer acalmar.

Devo manter-me impassível, intocável. Tenho de ser uma pedra no meio desta corrente forte. Estou bem no meio agora, mais vulnerável do que nunca, e não posso ser levada pela corrente.

O comandante baixa a cabeça.

— Ficas ali naquela tenda — diz ele, a sua mão apontando para a esquerda. — Irão trazer-te água e comida. A latrina fica nas imediações do acampamento, a oeste.

Aguardo por mais instruções, ou ameaças, ou violência, mas nada surge.

— É isso? — questiono, desconfiada.

Ele inclina a cabeça, o movimento bem ao estilo *fae*, e vislumbro o pico mais alto entre as suas omoplatas.

— O que esperavas?

Estreito os olhos.

— É o comandante de exército mais temido de toda a Orea. Não conto que se comporte de outra maneira que não seja a que reflita a sua reputação.

Assim que as palavras me jorram da boca, ele inclina-se, com os braços apoiados na estrutura da carroça, os picos malévolos dos antebraços à mostra. As escamas iridescentes em cinzento-claro nas maçãs do rosto dele cintilam como uma lâmina de prata, um aviso que vale por si.

O ar que eu inspirava fica a meio caminho, colando-se ao meu peito como xarope, cobrindo a minha garganta.

— Dado que já pareces conhecer o caráter da pessoa que te tem em custódia, não vou perder tempo a explicar-te nada — diz o Arranca, falando em voz grave, com um toque assustador em cada palavra. — Pareces ser uma mulher inteligente, por isso não seria necessário dizer-te que não podes partir. Congelarias lá fora sozinha e de qualquer modo eu daria contigo.

O meu coração galopa no peito, a promessa dele oscilando numa ameaça.

Eu daria contigo.

Não seriam os *soldados dele* a dar comigo, mas ele próprio. Não duvido de que ele procuraria pelos Baldios e perseguir-me-ia se eu tentasse escapar. Ele iria mesmo dar comigo. É o tipo de sorte que tenho.

— O Rei Midas vai matá-lo por me levar — digo, em resposta, apesar de todo o meu corpo se querer encolher face à sua proximidade, dada a sua presença imponente que preenche o interior da carroça.

O canto da boca dele curva-se tanto como os seus picos curvos.

— Ele que tente, estou ansioso por ver.

A arrogância dele dá-me a volta ao estômago, mas o problema é que eu sei que a prepotência dele é justificada. Mesmo sem a forte e ancestral magia *fae* que sinto nele, é um guerreiro puro e duro. Com músculos a revelar força e uma atitude que expõe a sua letalidade, não é alguém que eu queria perto de Midas.

Alguns dos meus pensamentos devem escapar por entre as fendas do meu estoicismo, pois ele endireita-se, com a sua expressão passando a condescendência.

— Ah, agora vejo.

— Vê o quê?

— Que te *importas* com o teu rei captor. — Praticamente cospe as palavras, a acusação tão afiada como as suas presas.

Pestanejo ao olhar para ele, para o ódio que escorre dos seus lábios como uma chuva lenta e fria. Se o confirmar, o que fará ele para o usar contra mim? Se o negar, acreditará?

Faz um ruído de desdém ao ver a minha expressão.

— O Pintassilgo gosta da gaiola. Que pena…!

Cerro os punhos, furiosa. Não preciso que ele me julgue, nem do seu desdém, a sua assunção de que me conhece e às minhas circunstâncias, nem que se assuma no direito de criticar o meu relacionamento com Midas.

— Não me conhece.

— Não? — riposta, com a voz dele a moer-me os ouvidos. — Toda a gente em Orea conhece tão bem a favorita de Midas como o toque de ouro dele.

O meu olhar cintila.

— Tal como toda a gente sabe que o Rei Podre envia o seu monstro de estimação para tratar do seu trabalho sujo — digo, lançando um olhar incisivo aos picos do seu antebraço.

Espirala em redor dele uma reverberação sombria, eriçando-me os pelos da nuca.

— Oh, Pintassilgo. Achas-me um monstro, mas ainda não viste *nada*.

A ameaça implícita varre como um vento árido, secando-me a boca.

Tenho de ter muito cuidado com este homem. Tenho de o evitar a todo o custo, contornar a sua crueldade e tentar escapar incólume. Mas não consigo planear com antecedência sem saber o que esperar.

— O que vai fazer comigo? — questiono, arriscando a pergunta vulnerável na esperança de que me dê uma pista do que pode vir aí.

Forma-se um sorriso sombrio e ameaçador nos seus lábios.

— Não te disse? Vou levar-te de volta ao captor, de quem tantas saudades sentes. Que *bela* reunião será.

Sem mais palavras, o comandante roda sobre os calcanhares e deixa-me ali a olhar para as costas dele, sentindo o coração a bater ao ritmo das suas passadas.

Não sei ao certo o que terá planeado ele para o meu rei, mas sei que não será nada de bom. Midas conta com a chegada das suas selas e da sua favorita, não com um exército a marchar-lhe até à porta.

Obrigando-me a sair da carroça, arrastando as minhas fitas atrás pela neve, sou tomada pela resignação. Sei o que tenho de fazer. Tenho de encontrar uma forma de avisar o meu rei.

Só espero não ter de pagar com a minha vida.

CAPÍTULO 4

AUREN

Seria de pensar que ao fim de semanas de viagem estaria habituada a usar a latrina escavada no solo para me aliviar. Mas nada disso. Há algo no levantar de saias e agachar na neve que deixa uma rapariga mesmo afetada.

Trato rapidamente do que tenho a fazer. Lado positivo, consigo fazê-lo sem salpicar as minhas botas ou cair de traseiro no chão. Neste momento, tudo o que me resta são as pequenas vitórias.

Felizmente, despacho-me antes de mais alguém se aproximar para utilizar a latrina, pelo que não tenho de me preocupar que me vejam. Pegando num punhado de neve, uso-a para lavar as mãos antes de me endireitar e passar as mãos pela minha saia amarrotada.

Agora que despachei a minha necessidade mais urgente, enrosco-me nos meus braços para manter ao largo o frio que sem dificuldade penetra o meu vestido de lã e o casaco de penas do capitão dos piratas.

Levo um momento a olhar em volta para tentar situar-me, mas tudo o que observo é a mesma paisagem que com poucas diferenças tenho visto nos últimos dias. Neve, gelo e nada.

A expansão plana dos Baldios parece estender-se para lá do horizonte, o contorno escuro das montanhas bem ao longe, com a suave queda de neve a revelar-se interminável.

O Comandante Arranca tem razão. Neste momento, ser-me-ia impossível fugir. Talvez até conseguisse escapar-lhe e aos seus soldados por um momento, mas… e depois? Não tenho provisões próprias, nem abrigo, nem uma verdadeira noção das direções. Morreria enregelada lá fora.

Ainda assim, o horizonte vazio provoca-me, uma tentação amarga que troça de mim com a sua declarada liberdade. É uma mentira, que me envolveria com o seu frio e estilhaçaria o meu corpo frágil como gelo.

Cerrando os maxilares, dou a volta e afasto-me, rumando de novo ao acampamento. Os soldados são rápidos a montá-lo. Não é nada requintado, apenas tendas de pele grosseira dispostas a poucos metros umas das outras e fogueiras espalhadas por todo o lado, mas ainda assim este exército não parece fugir ao frio, nem soçobrar face aos elementos inclementes.

Ao chegar à primeira das tendas observo cautelosamente em redor, de olho no nosso comandante ou em algum dos seus soldados que possa sair sorrateiramente das sombras e tentar magoar-me ou obrigar-me a entrar na minha tenda.

Mas não aparece ninguém.

Não acredito nesta falsa liberdade, nem por um segundo.

Completamente sozinha, vagueio pelos terrenos, de olhar bem atento. Não vejo qualquer das selas ou guardas de Midas, mas a dimensão deste exército dificulta que se veja muito mais.

Apesar de me sentir cansada e dorida, obrigo-me a seguir em frente por mais um bocado, para aproveitar este tempo a sós enquanto o tenho, pois poderei não voltar a dispor de tal oportunidade.

No regresso ao barco-pirata, foi enviado ao Capitão Fane um falcão mensageiro, alertando-o para a iminente chegada do Comandante Arranca. O que significa que o comandante dispõe pelo menos de um falcão, se não forem mais. Tenho de os encontrar.

Ao contornar as tendas e grupos de soldados a comer em redor das suas fogueiras permaneço em silêncio, mantendo a cabeça baixa, mas os olhos levantados, buscando e observando, as minhas fitas arrastando-se na neve atrás de mim, deixando rastos como os de penas na neve.

O aroma a comida deixa o meu estômago zangado ainda mais rabugento, mas não posso ceder-lhe, nem ao meu corpo exausto. *Ainda não.*

Não me parece que os falcões mensageiros sejam guardados em tendas,

pelo que ignoro-as. Se tivesse de adivinhar, diria que os animais são transportados em carretas cobertas, pelo que é isso que busco, embora tente dar a ideia de que caminho sem rumo. Não é difícil, dado que não tenho destino, não sei aonde vou.

Os sons do exército cercam-me. Soldados a conversar, fogueiras a arder, cavalos a relinchar. Cada riso brusco ou estrepitar de fogo dos troncos molhados assusta-me, todo o meu corpo antecipando que alguém me agarre a qualquer momento.

Os soldados observam-me ao verem-me passar. O meu corpo está tenso, mas, para lá dos olhares desconfiados que me acompanham, ninguém me aborda. É desconcertante, inesperado, e não sei o que pensar.

Qual será a jogada do Comandante Arranca?

Por fim, quando as minhas botas estão encharcadas de caminhar pela neve derretida e tremo de frio, vejo várias carretas de madeira cobertas por lonas no meio do caminho, nos limites do acampamento.

Sinto uma agitação no estômago e uma sensação de urgência, mas não me atrevo a olhar diretamente para lá. Não me atrevo a apressar-me.

Em vez disso dou a volta, obrigando os meus passos trémulos a seguirem sem pressa, assegurando que mantenho uma expressão recatada, um olhar volúvel.

Depois de ter sido o mais cautelosa possível chego aos carrinhos, com a escuridão da noite a ajudar a esconder-me nas sombras.

Há uma fogueira a uma dezena de metros, mas encontram-se lá sentados apenas quatro homens, embrenhados numa discussão sobre algo, embora eu não ouça o que dizem.

Caminho cuidadosamente pela fila de carrinhos, espreitando por baixo das lonas à medida que avanço, tentando ser rápida dado que não desejo ser apanhada.

Os primeiros quatro carrinhos não estão tapados, encontram-se vazios e cheiram a couro, servindo provavelmente para transportar as tendas. Vários dos seguintes estão carregados com fardos de feno e barris de aveia para alimentar os cavalos e a seguir deparo com a carreta das provisões dos soldados. Começo a perder a esperança.

Ao chegar junto desta última, vejo a forma quadrada de algumas das caixas — *caixas de animais?*

Agacho-me atrás, rezando aos grandes Divinos para que seja esta. Inspirando fundo, espreito em volta antes de puxar a lona para trás a fim de verificar, mas assim que o faço as minhas esperanças caem até às minhas

botas encharcadas. Não são caixas, apenas um carrinho cheio de peles dobradas.

Olho para lá derrotada, embora tente manter as emoções dominadas. Sei que estou exausta e emocionalmente desgastada, mas este fracasso faz com que baixe os ombros e sinta lágrimas de pânico em formação.

Mas onde raio estão eles? Se não conseguir avisar Midas…

— Estás perdida?

Sobressalto-me ao ouvir a voz, com a minha mão a largar a lona ao rodopiar para trás. Ergo o olhar aos poucos e dou com um homem enorme diante de mim.

Só pelo volume do seu corpo, reconheço-o de imediato. Ainda no barco-pirata, o Arranca estava flanqueado por dois soldados e, apesar de então usarem capacetes, tenho a *certeza* de que este homem enorme era um deles, que me levou e à Rissa para fora do barco.

Agora, sem armadura ou capacete, vejo o seu rosto redondo, o lábio inferior perfurado com um pedaço de madeira curto e retorcido, parecido com o selo da árvore retorcida do Quarto Reino. Tem tiras de couro castanho enroladas em redor dos seus grossos bíceps e couro preto a cobrir-lhe o resto do corpo.

De certa forma, parece ainda maior do que antes — umas boas três cabeças mais alto do que eu, pernas grossas como troncos de árvore e punhos do tamanho da minha cara.

Fantástico. Tinha logo de ser apanhada por *este* estafermo enorme?

Sinceramente, não sei o que fiz que irritasse tanto as deusas.

Ergo o queixo para o brutamontes de cabelo castanho, de repente muito grata por ter ido às latrinas, porque ele é suficientemente assustador para fazer alguém mijar nas calças congeladas.

Aclaro a garganta.

— Não.

Ele ergue uma sobrancelha farfalhuda, com os olhos castanhos a mostrarem uma carrancuda desconfiança, o cabelo comprido caído em redor do rosto e alisado no topo devido ao tempo passado com o capacete posto.

— Não? Então, o que fazes aqui, tão longe da tua tenda?

Ele sabe onde fica a minha tenda? Isso é perturbador…

Viro-me e puxo uma pele da carreta atrás de mim, assentando-a sobre os ombros.

— Estava com frio.

Lança-me um olhar que revela que não acredita numa única palavra que jorra da minha boca.

— Frio? Então, se calhar a mascote dourada de Midas talvez devesse voltar para a *sua* tenda.

Cinjo ainda mais sobre os ombros a pele preta macia. Já conhecera homens assim, não passam de rufias. O pior a fazer é deixar que me pise e faça de mim um alvo fácil.

Ergo o queixo.

— Não posso circular por aí? Vou ser obrigada a lá ficar contra a minha vontade? — desafio-o, pois é o que espero, e desejo cortar o mal pela raiz.

Fica ainda mais carrancudo e sinto o coração a bater de tal maneira no peito que parece que quer escapar e esconder-se algures. Não posso culpá-lo. Se este homem quisesse, podia agarrar-me pelo pescoço com as suas mãos fortes e parti-lo.

Em vez disso, cruza os braços diante de mim, com a sua postura intimidante a impor-se.

— Corre por aí que é exatamente o que gostas, *mascote*.

Sinto a raiva a apoderar-se de mim. Esta noite, é a segunda vez que sou olhada de forma tão mordaz, julgada pela gaiola onde vivo.

— Mais vale a salvo com o Rei Dourado do que servir no exército do teu Rei Podre, que não passa de um flagelo para a terra — cuspo.

Assim que as minhas palavras lhe chegam aos ouvidos, fica tremendamente quieto.

Sei que cometi um erro. Ultrapassei largamente os limites. Deixei que me afetasse e permiti que a minha boca revelasse a minha ira e o medo, em vez de ser a rocha inamovível que preciso de ser.

Passei de fazer frente a um provocador a provocá-lo. Tendo em conta o seu volume, não terá sido a ideia mais inteligente.

Eu não estava a prestar atenção às vozes murmuradas junto à fogueira, mas faço-o quando me apercebo que os soldados se calam. Há vestígios no ar de um entusiasmo tenso, como se se sentissem ansiosos por ver o que ele me faria.

Sinto o coração a galopar com a necessidade de fugir, encurralado na batida da minha pulsação.

Com uma inimizade mortífera, o homem curva-se até o seu rosto ficar a milímetros do meu. Olhos furiosos cintilam, queimando qualquer réstia de oxigénio que eu pudesse inspirar.

A voz dele baixa para uma rosnadela de aviso semelhante a um lobo e gela-me o sangue.

— Volta a insultar o meu rei e quero lá saber da cor da tua pele. Arranco-te a carne das costas à chicotada, até soluçares um pedido de perdão.

Engulo em seco com força.

Ele fala a sério. Disso não duvido, porque o vejo na sua expressão. Atira-me para a neve, aqui mesmo, e torna a dor na minha única realidade.

Assente com a cabeça e fita-me nos olhos.

— Ótimo. Vejo que agora levas as coisas mais a sério. — Está parado demasiado próximo, ainda a furtar todo o meu espaço, todo o meu ar, uma bolha invisível a emanar da sua presença invasiva. — Já não estás com aquele paspalho dourado que é Midas. Agora estás aqui, connosco, por isso, se fosse a ti, mostrava-me mais respeitosa e tornava-me *muito* útil.

Arregalo os olhos face aos significados sombrios das suas palavras, mas ele interrompe a minha linha de pensamento.

— Não é *isso*. Nenhum de nós está interessado nas sobras banhadas a ouro de Midas — diz com desprezo, e eu expiro de imediato de alívio. Mas não deveria tê-lo feito. — Queres simplificar a tua vida? Então, sê a ave enjaulada que és e *canta*.

A compreensão abate-se sobre mim como um sol esmaecido.

— Achas que te passo informações? Achas que vou trair o meu rei?

Ele ergue um ombro.

— Se fores esperta.

Sinto o ódio a bater dentro de mim numa melodia feroz. O que quer que veja no meu olhar leva o cruel gigante a recuar, endireitando-se em toda a sua altura com um suspiro.

— Humm, talvez não. Que pena.

Cerro as mãos com força.

— *Nunca* trairei o Rei Midas por ti.

Um sorriso malicioso aparta-lhe a boca.

— Veremos.

A melodia ribombante falha o ritmo, tropeça, desaba nas minhas entranhas. Não sei se devo sentir-me mais ofendida por ele achar que sou assim tão fraca ou receosa que o venha a ser.

— Onde estão as outras selas? — pergunto de repente, querendo tomar as rédeas da conversa, orientando-a em meu favor. — Os outros guardas?

Ele nada diz, com a arrogância a emanar dele como vapor.

Finco os pés no chão.

— Se algum de vocês lhes fizer mal…

Ergue a palma da mão para me interromper e reparo numa cicatriz antiga, um corte reto a todo o comprimento.

— Cuidado com isso — rosna ele. — Os soldados do Quarto não reagem bem a ameaças.

O meu olhar incide na esquerda. Sentados em redor da fogueira, ainda a observar em silêncio, os outros soldados que conseguem ouvir-nos olham diretamente para mim, com os braços apoiados nos joelhos, os nós dos dedos a estalar, com olhares fulminantes. O ódio reluz nas suas expressões, a par das chamas tremeluzentes.

O que eu ia a dizer em defesa do meu grupo de viagem morre sob a ameaça latente. Talvez a jogada seja esta. Talvez o Comandante Arranca me deixe deambular à vontade, para que os seus soldados me castiguem como desejarem.

O homem diante de mim solta um som de quem se diverte e eu desvio o olhar dos outros.

— Põe-te a andar. A tua tenda fica por ali. Calculo que a mascote de Midas saiba dar com a sua casota.

Brindo-o com um olhar mordaz enquanto o homem dá a volta e se afasta com passos pesados, instalando-se junto à fogueira, juntando-se aos homens de ar feroz.

Segurando a pele junto ao peito, viro-me, sentindo os olhares cortantes nas costas como o fio de uma lâmina a arranhar-me a espinha. Afasto-me o mais depressa possível sem correr, com as gargalhadas trocistas lançadas à minha silhueta em retirada, deixando-me ruborizada.

Cinjo-me aos rastos de pegadas que deixaram marcas grosseiras na neve, tentando evitar que as minhas botas afundem nas porções mais espessas, à medida que tomo uma rota mais direta para onde se encontram a minha carroça e a tenda — aparentemente, a minha *casota*.

Pode ser imaginação minha, mas todos os soldados por que passo fitam-me com um olhar que parece mais pesado e malévolo. Sem que me seja dirigida uma única palavra, apenas com a sua energia a exsudar em forma de tomada de posição, sou posta no meu lugar.

Sou o inimigo, aquele que esperam que vergue. Posso não ter um guarda nos calcanhares, mas observam-me. Prontos a lançarem-se. E, todavia, nenhum deles o faz.

Ignoro-os a todos, sem olhar para ninguém, sem vacilar quando as

conversas esmorecem de imediato à minha passagem. Olho em frente ao caminhar, mas todo o meu corpo treme, a minha pele retesa-se e o meu coração bate desalmadamente.

Não quero saber o que pensam. Não trairei Midas. *Nunca*.

A cada passo com as minhas botas frias e molhadas praguejo para mim mesma. Não descobri onde são guardados os falcões mensageiros e fui suficientemente óbvia para levar aquele soldado a abordar-me. Se quero sobreviver ao exército do Quarto Reino tenho de ser melhor, mais inteligente, mais furtiva.

E mais forte. Tenho de ser forte nos dias que se avizinham.

Desenvolve-se no meu peito uma fúria determinada, levando-me a cerrar os punhos dentro dos bolsos do meu casaco. Amanhã. Volto a tentar amanhã. E no dia seguinte. E no dia a seguir a esse. E no dia a seguir a *esse*.

Não vou desistir até ter passado a pente fino todos os milímetros deste maldito exército e arranjar uma forma de avisar Midas. E ao longo de todo esse processo não cederei. Nada lhes facultarei que possam usar contra o meu rei.

O comandante tem-me em tão pouca conta que nem sequer destaca guardas para me vigiar, pelo que vai pagar a multiplicar por dez. Irei aproveitar a arrogância dele para lhes furtar o elemento surpresa e fá-lo-ei com um sorriso nos meus lábios dourados.

Vão achar que me curvo, mas depressa perceberão que não sou esse tipo de sela.